

ANA CAROLINA DELGADO VIEIRA • MARÍLIA XAVIER CURY [ORG.]

CULTURAS INDÍGENAS NO BRASIL E A COLEÇÃO HARALD SCHULTZ



edições
Sesc

© Edições Sesc São Paulo, 2021
© Ana Carolina Delgado Vieira, 2021
© Marília Xavier Cury, 2021
Todos os direitos reservados

Preparação Leandro Rodrigues
Revisão José Ignacio Mendes, Elba Elisa Oliveira
Capa e projeto gráfico Raquel Matsushita
Diagramação Juliana Freitas | Entrelinha Design
Fotos de capa e contracapa Ader Gotardo

Capa Acervo MAE-USP – figura zoomorfa – Karajá – RG 2041 (1948).
Quarta capa (acima) Acervo MAE-USP – flauta Tukurina – RG 6188 (1950);
(abaixo) Acervo MAE-USP – brincos emplumados Rikbaktsa – RG 11195 (1962).
Folha de rosto Acervo MAE-USP – máscara Ticuna – RG 9960 (1956).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C8996 Culturas indígenas no Brasil e a Coleção Harald Schultz / Ana Carolina Delgado Vieira; Marília Xavier Cury [org.]. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. – 328 p. il.: fotografias.





ISBN 978-65-86111-18-7

1. Índios no Brasil. 2. Cultura indígena no Brasil. 3. Arte indígena no Brasil. 4. Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP). 5. Coleção Harald Schultz. 6. Harald Schultz. I. Título. II. Vieira, Ana Carolina Delgado. III. Cury, Marília Xavier. IV. Schultz, Harald. V. MAE-(USP). VI. Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP).

CDD 301.3

Ficha catalográfica elaborada por Maria Delcina Feitosa CRB/8-6187

Edições Sesc São Paulo

Rua Serra da Bocaina, 570 – 11º andar
03174-000 – São Paulo SP Brasil
Tel. 55 11 2607-9400
edicoes@sescsp.org.br
sescsp.org.br/edicoes
    /edicoessescsp

- 10 Apresentação *Danilo Santos de Miranda*
12 Prefácio *Paulo Antonio Dantas de Blasis*
14 Introdução *Ana Carolina Delgado Vieira • Marília Xavier Cury*

PARTE I

A TRAJETÓRIA DE HARALD SCHULTZ

- 22 Cronologia

24 Harald Schultz: fotógrafo e etnógrafo da Amazônia ameríndia
Sandra Maria Christiani de La Torre Lacerda Campos

42 Experiências de Harald Schultz e Vilma Chiara:
movimentos, memórias e relações
Aline Batistella • Vilma Chiara

PARTE II

OS MUSEUS E A PRESERVAÇÃO

- 62 Em busca do invisível: museus, coleções e coletores
Ana Carolina Delgado Vieira • Marília Xavier Cury

75 Conservar para quem? As possibilidades do trabalho colaborativo
entre indígenas e conservadores
Ana Carolina Delgado Vieira

94 Harald Schultz: possibilidades de comunicação e exposição
Marília Xavier Cury

PARTE III

COLEÇÕES E CULTURAS INDÍGENAS: OLHARES DISTINTOS

- 108** Museus, coleções e “objetos raros e singulares”
Lúcia Hussak van Velthem
- 130** Arte, história e memória: a trajetória de duas coleções
Lux Boelitz Vidal
- 151** Perigosos festeiros: as máscaras Ticuna sessenta anos após
Harald Schultz
Edson Matarezio
- 173** Como fazer um filme etnográfico para a Enciclopédia
Cinematográfica?: as colaborações entre Vilma Chiara
e Harald Schultz
Maria Julia Fernandes Vicentin
- 191** A história do Museu Worikg e do grupo cultural Kaingang
da Terra Indígena Vanuïre
Dirce Jorge Lipu Pereira • Susilene Elias de Melo
- 221** Guarani Nhandewa: revivendo as memórias do passado
*Claudino Marcolino • Cledinilson Alves Marcolino • Cleonice
Marcolino dos Santos • Creiles Marcolino da Silva Nunes • Gleidson
Alves Marcolino • Gleyser Alves Marcolino • Samuel de Oliveira
Honório • Tiago de Oliveira • Vanderson Lourenço*

- 242 Resistência e fortalecimento do passado e do presente Terena
*Jazone de Camilo • Rodrigues Pedro • Candido Mariano Elias •
Gerolino José Cezar • Edilene Pedro • Afonso Lipu*

PARTE IV

COLEÇÃO HARALD SCHULTZ

- 268 Mapa da localização atual das etnias representadas na
Coleção Harald Schultz
- 270 Seleção de fotografias e objetos coletados por Harald Schultz –
Acervo MAE-USP
- 314 Sobre as organizadoras
- 315 Sobre os autores
- 322 Referências

EM BUSCA DO INVISÍVEL: MUSEUS, COLEÇÕES E COLETORES

Ana Carolina Delgado Vieira e Marília Xavier Cury

De templo das musas (*mouseion*, em grego) a espaço concebido para seleção, estudo e apresentação dos testemunhos materiais e imateriais⁴⁰ do homem e do seu meio, os museus foram se diversificando ao longo de sua história, assim como sua missão preservacionista e educacional. A partir de Pomian, o museu surge como lugar de oposição do visível e do invisível⁴¹. É o local onde o estudo da história, da cultura material e do tempo presente se entrelaçam com memórias e outros sentimentos. É o templo perene entre aquilo que se vê e aquilo que se sente.

Muitos objetos foram recolhidos historicamente pelo seu valor invisível. A tradição de se colecionar coisas aparece presente já na Antiguidade. Troféus, relíquias, oferendas e despojos de guerra eram colecionados por gregos e romanos. A prática do colecionismo passa a ser mais difundida nos séculos XVI e XVII⁴², período que coincide com viagens e descobertas. O maravilhamento⁴³ é o sentimento que arrebatava os viajantes diante do novo e de tudo aquilo que é ímpar. Esse deslumbramento foi combustível para a formação das primeiras coleções para os “gabinetes de curiosidade”, que reuniam os objetos provenientes de diversos lugares exóticos.

Primeiramente, esses gabinetes surgem impulsionados pela curiosidade e para serem exibidos ao olhar. Entretanto, essas “câmaras de maravilhas” são responsáveis pelo impulsionamento do

40 André Desvalles; François Mairesse, *Conceitos-chave de museologia*, São Paulo: Icom, 2013, p. 64.

41 Krzysztof Pomian, *op. cit.*, p. 84.

42 Helga C. G. Possas, “Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural”, em: Betânia G. Figueiredo; Diana G. Vidal, *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*, Brasília: CNPq, 2005, p. 151.

43 Stephen Greenblatt, *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do novo mundo*, São Paulo: Edusp, 1996.

estudo de ciências naturais e saberes enciclopédicos, uma vez que alguns colecionadores passaram a usar a coleção como repositório de conhecimentos.

Precursos dos museus modernos, muitos gabinetes acumulavam materiais da cultura ameríndia, amealhados mais por seu caráter exótico que por suas características exóticas. Como aponta Pomian, “As expedições que voltam dos países longínquos trazem, com efeito, não só mercadorias altamente vantajosas, mas também todo um novo saber, e novos semióforos: tecidos, ourivesarias, porcelanas, fatos de plumas, 'ídolos', 'fetiches', exemplares da flora e da fauna, conchas, pedras afluem assim aos gabinetes dos príncipes e aos dos sábios”⁴⁴.

Como esses gabinetes pertenciam a colecionadores privados, sua visitação era restrita. Poucos privilegiados tinham a oportunidade de “viajar pelo mundo sem sair de suas cidades”. Os colecionadores se tornavam guardiães da memória e do invisível, os quais compartilhavam com seus pares a glória do conhecimento.

Foi a partir do século XVIII que as coleções adquiriram um caráter científico. Inspiradas pelo maravilhamento, ocorrem mais expedições com o objetivo de obter, catalogar, classificar e preservar coisas. Esse conhecimento organizado e classificado acabou se transformando em coleções específicas, com vocação para serem difundidas em maior escala. A sistematização das coleções também fez com que os métodos de conservação e coleta se aprimorassem.

Muitas dessas coleções foram fortalecidas com as expedições científicas realizadas já no século XX. Com forte cunho colonial, pesquisadores oriundos de diversos países eram treinados para des-

44 Krzysztof Pomian. *op. cit.*, p. 77.

bravar territórios e revelar o invisível por meio da coleta da cultura material de populações nativas desconhecidas.

A prática da coleta se tornou uma ação com propósitos científicos. Coleções etnográficas passam a ser formadas a partir de coletas de viajantes e naturalistas e destinadas a museus de história natural. Um artigo de 1909 já relatava o desconforto em se negligenciar “espécimes etnográficos”, visto que esses objetos possuíam grande valor financeiro e científico⁴⁵. A palavra “espécime” guarda relação direta com o campo das ciências, e a relação dos objetos etnográficos com esse campo ficou marcada pela lógica evolucionista dominante nos séculos XIX e início do XX. Essa relação imprimia ritmo às coletas, uma vez que se acreditava que a cultura material produzida pelas denominadas “sociedades primitivas” deveria ser massivamente coletada antes que tais culturas desaparecessem ou fossem assimiladas.

Os objetos indígenas eram exibidos em dioramas que simulavam os vestígios do passado humano. Os museus que passavam a exibir esses acervos assumiam então o papel de instituições guardiãs de culturas que estavam ameaçadas. É importante destacar que esses artefatos serviram de base para narrativas nacionalistas, reforçando histórias de conquistas e a superioridade colonial diante dos povos indígenas. As coleções etnográficas eram preservadas pelos coletores sob essa perspectiva, e, mais tarde, essa narrativa foi projetada nos museus.

A relação entre colecionadores e museus se pauta por alguns objetivos congruentes. A coleção particular sofre um risco maior de dispersão após a morte de quem a formou, enquanto o museu é uma

45 Klocker *apud* Miriam Clavir, *Preserving What Is Valued: Museums, Conservation, and First Nations*, Vancouver, British Columbia: UBC Press, 2000.

instituição mais perene. Por esse caráter de permanência, os colecionadores buscaram os museus para que suas coleções transcendessem. As relações de trocas entre museus e colecionadores passam a se intensificar, e a coleção ganha um sentido público de patrimônio.

O Brasil seguiu o modelo europeu na formação de instituições científicas e museus nacionais, seguindo a lógica do enciclopedismo e das pesquisas nas ciências naturais. Ainda no século XIX, testemunhou-se a criação de instituições como o Museu Nacional (1818), o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e o Museu Paulista (1895).

Essas instituições se fundamentaram como verdadeiros órgãos de pesquisa, antecedentes à fundação das primeiras universidades brasileiras⁴⁶. A organização das coleções etnográficas esteve relacionada à prática da antropologia física, que procurava coletar ossos humanos entre os povos nativos e cotejar esses achados em meio ao debate positivista da ciência.

Para o que nos interessa aqui, destacaremos o caso do Museu Paulista, uma vez que a trajetória de Harald Schultz está intimamente vinculada a essa instituição.

O Museu Paulista nasce como instituição científica⁴⁷. Teve como base a coleção organizada pelo comerciante paulista Joaquim Sertório (1827-1885), formada por objetos arqueológicos, botânicos, de mineralogia, paleontologia, documentos, mobiliários e objetos indígenas. Foi instalado no edifício-monumento erguido para a celebração da Independência do Brasil.

46 Elizabete Tamanini, "O museu, a arqueologia e o público: um olhar necessário", em: Pedro A. Funari, *Cultura material e arqueologia histórica*, Campinas: Unicamp, 1998, p. 181.

47 Maria Margaret Lopes, *O Brasil descobre a pesquisa científica*, São Paulo: Hucitec; UnB, 2009.

Para dirigir a nova instituição, é escolhido o zoólogo alemão Hermann Von Ihering (1850-1930), pesquisador da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo – órgão público e estatal onde trabalhava também o botânico Alberto Loefgren (1854-1918). Loefgren inicialmente catalogou todos os objetos da coleção Sertório. A exposição inaugural do Museu Paulista de 7 de setembro de 1895 reforça a vocação de vanguarda nas pesquisas de ciências naturais, mas também traz em si a missão de integrar a história de São Paulo à história nacional⁴⁸. Essa vocação se mantém, como constava da exposição das coleções em 1907, organizada em dezessete salas do edifício-monumento: “Historia Natural [,] Archeologia, Ethnographia [,] Historia Patria, Numismatica”⁴⁹. As coleções indígenas estavam expostas nas Salas B12 – “Anthropologia e Ethnographia (Indios do Brazil)” e B16 – “Ethnographia dos indios Carajás”⁵⁰.

Do início do século XX aos anos 1960, museus estrangeiros fomentaram expedições científicas ao Brasil com o objetivo de coletar acervos de povos indígenas para preservar a memória dessas culturas tradicionais e, ao mesmo tempo, formar um grande repositório de coleções etnográficas. Os museus nacionais também estavam em busca do fortalecimento da memória da cultura nacional e começavam a estimular as expedições etnográficas. Curt Unckel (1883-1945), alemão que chegou ao Brasil em 1903, foi um expoente desse período. A primeira instituição a contratá-lo foi o Museu Paulista.

48 M. J. Elias, *Museu Paulista: memória e história*. Tese (doutorado) – FFLCH/USP. São Paulo: 1996, p. 159.

49 Rodolpho von Ihering, *Guia pelas Coleções do Museu Paulista*, São Paulo: Typ. Cardozo, Filho & Cia., 1907, p. 77.

50 *Ibid.*, p. 80.

Para essa instituição, fez os levantamentos para o mapa publicado em 1911 sobre a distribuição indígena no Brasil meridional⁵¹. Contratado pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, participou de expedições junto aos Guarani e Kaingang no oeste paulista.

Devido às fortes ligações que estabeleceu com os Apapokúva-Guarani no interior paulista, foi batizado por estes como “Nimuendaju”, nome que agregou ao seu, passando a ser chamado de Curt Nimuendaju quando se naturaliza brasileiro, anos depois. Os dois anos de convívio com os Apapokúva no Posto Araribá (hoje Terra Indígena Araribá) lhe permitiram realizar um trabalho etnográfico publicado em 1914 na renomada revista alemã *Zeitschrift für Ethnologie*, posteriormente traduzido e publicado no Brasil como *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapokúva-Guarani*, em 1987.

A entrada de objetos indígenas ao Museu Paulista na primeira metade do século XX aconteceu de forma recorrente, com destaque aos objetos Kaingang coletados pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo durante as expedições aos rios Aguapeí ou Feio e do Peixe. No início do século XX, ocorreram a marcha para o oeste, a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a expansão da cafeicultura e a especulação imobiliária, que resultaram no extermínio quase completo dos Kaingang e na denominada “pacificação” – em 1912, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) colocou os sobreviventes desse povo em um aldeamento. Posteriormente, inauguraram-se outros dois aldeamentos, atuais Terras Indígenas Icatu e Vanuíre.

51 *Revista do Museu Paulista*, 1911, v. VIII, Est. VII: “Mappa da actual distribuição dos índios no Brazil meridional”.

Outras coleções indígenas de todo o Brasil foram formadas na primeira metade do século XX por coletores nacionais e internacionais. Citemos alguns⁵²: Albert V. Fric, Benedito Calixto, Benedito Estelita Alvares, Cândido M. S. Rondon e a Comissão Rondon, Claude Lévi-Strauss, C. Hermann Hofbauer, Erich Freundt, Ernesto Garbe, Expedição Bandeira Anhanguera, Franz Adam, Franz Hecker, Friedrich C. Mayntzhusen, Gil Vilanova, José Bach, Paulo E. Vanzolini, Themistocles P. S. Brasil, Wanda Hanke, Werner C. A. Bockermann, Wili Tiede.

O alemão Herbert Baldus (1899-1970) também deu importante contribuição à etnologia nacional. Após o fortalecimento do nazismo, deixou a Alemanha em 1933 e mudou-se definitivamente para o Brasil. Com o financiamento de uma sociedade de ciência alemã, também empreendeu expedições a aldeias indígenas, trabalhando com os Kaingang, os Tapirapé, os Karajá, entre outros. Baldus foi convidado a organizar as coleções indígenas do Museu Paulista em 1946, chefiando meses depois a Seção de Etnologia desta instituição. Afirma, em relatório: "Em fevereiro de 1947 visitei, acompanhado do Sr. Harald Schultz, assistente de Etnologia do Museu, Postos Indígenas instalados pelo Serviço de Proteção aos Índios no estado de São Paulo, passando do dia 7 a 14 no Posto de Icatu e de 15 a 21 no Posto Curt Nimuendaju (antigo Araribá)"⁵³.

Em 1947, oriundas dessas localidades – hoje Terras Indígenas Icatu e Araribá –, deram entrada três coleções: Kaingang, Guarani e Tere-

52 Antonio S. A. Damy; Thekla Hartmann. "As coleções etnográficas do Museu Paulista: composição e história", *Revista do Museu Paulista*, n.s., v. XXXI, 1986, pp. 223-47.

53 Herbert Baldus, "Relatório da Seção de Etnologia", *Revista do Museu Paulista*, n.s., v. II, 1948, pp. 305-8.

na, as primeiras após a criação da Seção de Etnologia. Também nesse ano, Baldus foi convidado pelo marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), para novas expedições e registro fotográfico com os Karajá e Tapirapé⁵⁴.

Esses dois nomes da antropologia no Brasil, Curt Nimuendaju e Herbert Baldus, têm influência direta na produção etnográfica de Harald Schultz.

Harald Schultz (1909-1966) nasce em Porto Alegre, filho de pai alemão e mãe com descendência dinamarquesa. Seus estudos são feitos na Alemanha, mas no Brasil já mostrava interesse por fotografia. Graças à influência de seu pai, tem uma chance de trabalhar como fotógrafo jornalístico para o então presidente Getúlio Vargas. Schultz estabeleceu importantes conexões e no Rio de Janeiro se aproximou do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e da política indigenista. Em 1942 passa a trabalhar nesse órgão estatal e realiza suas primeiras expedições etnográficas⁵⁵. Nesse período, sua biografia se cruza com a de Curt Nimuendaju, pois suas técnicas de pesquisas de campo são inspiradas pelo trabalho deste etnógrafo.

Em 1945, é convidado por Baldus a ser seu assistente de pesquisa, e também a frequentar aulas na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Intercalando suas aulas com atividades de campo, Schultz reforçava assim o acervo de etnologia do Museu Paulista. Sua produção fotográfica e filmica de alto nível enriquecia sobremaneira

54 Orlando Sampaio-Silva, "Herbert Baldus: vida e obra – introdução ao indigenismo de um americanista teuto-brasileiro", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 2, 1994, pp. 91-114.

55 Aline Batistella, *Experiências etnográficas de Harald Schultz e Vilma Chiara entre os povos indígenas*, Dissertação (mestrado) – UFMT. Cuiabá: 2017, pp. 38-41.

os objetos coletados, uma vez que buscava documentar processos de manufatura, festas, rituais e práticas cotidianas dos povos indígenas.

Para se compreender esse legado, que ficou muito reconhecido entre seus pares, é importante destacar novamente o contexto político nacional da produção de Harald Schultz. Seu trabalho como fotógrafo do SPI servia aos propósitos da política de Getúlio Vargas durante o Estado Novo. A meta era registrar a maior quantidade possível da cultura nativa e com celeridade, pois se pensava que os povos indígenas sofreriam aculturação. A agenda política governamental também oferecia direção a essas pesquisas, uma vez que, ao mesmo tempo que se documentavam imagens e se recolhiam objetos, a figura do indígena ganhava destaque como “brasileiro nato”. O governo Vargas buscou uma política solidária entre o Estado e seus agentes, e os etnólogos cumpriram função primordial em tal cenário, pois destacava-se o quanto os povos indígenas estavam “pacificados” e aptos a integrar o projeto de nação propagado pelo Estado Novo, somando-se à massa de trabalhadores brasileiros⁵⁶.

Curiosamente, para a formação da coleção etnográfica no Museu Paulista, Schultz não tinha apoio de verbas específicas para a viagem ou para adquirir materiais que seriam utilizados em trocas com os indígenas. Segundo Vilma Chiara, esposa e parceira de Harald Schultz em muitas expedições, o apoio veio da Aeronáutica, da Delegacia Policial de São Paulo e de comerciantes da colônia sírio-libanesa de São Paulo, que forneciam a Schultz um estoque de materiais, como facas, canivetes, panelas e miçangas, para abastecer as trocas feitas durante as expedições⁵⁷.

⁵⁶ *Ibid.* pp. 93-4.

⁵⁷ *Ibid.* p. 85.



Há narrativas indígenas que ainda guardam na memória dos mais antigos a presença amigável e quase familiar de Schultz nas aldeias.

A visita do alemão aos caxinauás foi assim. Os caxinauás viram um alemão alto de cabelo ruivo. Chamaram-no de Yaix Buxka, “cabeça de tatu”. Os caxinauás deram-lhe um nome, um apelido. Ele parecia com um parente caxinauá falecido cujo apelido era Yaix Buxka. Ele tinha uma câmera. [...] Também tirou fotos de como pescavam, de como faziam seus artesanatos e de como as mulheres cozinhavam. [...] Viveu um tempo com eles. Parece que vivia assim, trabalhando muito bem com aquela família caxinauá dele⁵⁸.

Por essa convivência harmoniosa, Schultz garantia lugar privilegiado junto às comunidades indígenas e conseguia ter acesso ao invisível, registrando com sensibilidade o “outro” por meio de sua produção visual e da coleta da produção material desses grupos. Schultz, assim como todos aqueles que trabalhavam com pesquisas antropológicas naquele período, estava imbuído do ideal do resgate

*Harald Schultz e sua
produção visual durante
as pesquisas de campo
com os Terena, em 1942.*

58 Indígenas descrevem a estadia de Harald Schultz no capítulo “O alemão que viveu com os Caxinauás”, em: Eliane Camargo; Diego Villar [org.], *A história dos Caxinauás por eles mesmos*, São Paulo: Edições Sesc, 2013, p. 185.



Fonte: Acervo MAE-USP - IE000735, Foto: Harald Schultz.

cultural. A coleção formada por suas atividades de campo, mais do que uma seleção de objetos feitas pelo etnógrafo, complementa sua produção visual. Vista em conjunto, ela idealmente deseja comunicar quem eram esses povos indígenas, como viviam e estavam sendo eternizados pela ação de suas lentes.

Ainda assim, não podemos perder de vista que, como toda coleção, esses objetos trazidos por Schultz e por tantos outros coletores foram selecionados e se tornaram fragmentos de cultura. Nos museus, ganharam outros significados, convertendo-se muitas vezes em objetos solitários.

A partir dos anos 1960, a dinâmica dos museus foi se alterando, sob influência do movimento da “Nova Museologia”, com um alargamento da noção de patrimônio e a necessidade de que os museus fossem transformados em espaços mais democráticos e com maior visibilidade. A Coleção Harald Schultz, forjada ainda sob as circunstâncias políticas do Estado Novo, em meio às necessidades nacionalistas do Museu Paulista, hoje está no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE-USP. Desafios contemporâneos se anunciam. Ainda é necessário transpor antigos modelos colonialistas dentro dos museus para que se aprimorem as relações com as culturas indígenas, potencializando assim múltiplas leituras do saber invisível que repousa nos museus.

É neste contexto de mudanças na museologia e na antropologia que processos colaborativos se estruturam nos museus. O MAE-USP, herdeiro das coleções indígenas do Museu Paulista, bem como do antigo MAE e do Acervo Plínio Ayrosa, atua na articulação de ações colaborativas, também denominadas cooperativas ou participativas. Uma dessas ações é a curadoria compartilhada, com a (re)qualifica-

*Homem Makú
tecendo uma
pequena cesta
na floresta.*

ção de coleções: esses projetos têm o objetivo de trazer essas coleções para a atualidade dos grupos indígenas, para suas interpretações, apropriações e usos na construção de memórias, na resistência e no fortalecimento cultural, mas, sobretudo, para o uso como estratégia intergeracional. Em julho de 2017, três coleções foram requalificadas na sede do MAE-USP, com Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena do oeste paulista⁵⁹ – não por acaso, duas localidades onde Herbert Baldus e Harald Schultz, recém-contratados do Museu Paulista, realizaram duas expedições, as únicas que os dois antropólogos realizaram juntos. Durante três semanas, direcionadas pelas perspectivas da museologia, lideranças indígenas dos três grupos das Terras Indígenas Araribá (aldeias Ekeruá e Nimuendaju), Icatu e Vanuíre estiveram no MAE e, em contato com os objetos de seus ancestrais, discutiram entre si – caciques, pajés, pesquisadores indígenas, professores, estudantes universitários, velhos e jovens – a importância do passado para o presente, construindo o futuro, com base nas tradições e na ancestralidade.

59 Sob a coordenação da profa. dra. Marília Xavier Cury.